filosofia

A VEZ DELAS
Magali Menezes, Simone Marinho e Olgária Matos. De norte a sul, grandes mulheres e belos trabalhos

LITERATURA
Como a disciplina perdeu o seu papel no mundo pós-moderno

www.portalcienciaevida.com.br

EDIÇÃO DE ANIVERSÁRIO · ANO V · Nº 60

NOAM CHOMSKY
Em entrevista exclusiva, novo colunista fala do seu trabalho com a Linguística e dos desdobramentos da morte de Bin Laden

CINEMA PARA FILOSOFAR
A Ética em *Crimes e Pecados*, de Woody Allen e a liberdade em *Femme Fatale* e *Corra, Lola, Corra*

DE KANT à Neurociência

Assim como o pensador alemão rejeitou a Metafísica, correntes científicas propagam a ideia de que o homem é apenas o seu cérebro

POLÊMICA
Hélio Schwartsman e Flávio Paranhos: duas visões sobre a aprovação do livro que aborda a variação linguística

Para o professor: no mês do meio ambiente, um estudo sobre a Ética ambiental

UMA PROPOSTA DE ética emancipatória EM HERBERT MARCUSE

Hoje, ouvimos muito falar sobre a necessidade de nova forma de agir para proteção do meio ambiente. Mas, então, por que não agimos de acordo? E seria possível usar a tecnologia em prol de uma forma de vida mais sustentável?

Se fizermos uma pesquisa rápida, despretensiosa no que diz respeito ao rigor científico, apenas a título de sondagem, inquirindo as cem primeiras pessoas que encontrarmos sobre o interesse no tema sustentabilidade, provavelmente chegaríamos à constatação de que uma grande maioria responderia algo positivo.

Em uma pesquisa de opinião realizada recentemente na Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEAUSP)[1], levantou-se que, dos 441 alunos que responderam ao questionário, 91% possuem entre médio e alto interesse sobre o tema.

Em outro levantamento trazido a público pela Associação Brasileira de Comunicação Empresarial (Aberje)[2] foi verificado com que frequência o tema sustentabilidade aparece na mídia, considerando os jornais e revistas de maior tiragem no País. A pesquisa mostra que, em apenas três meses observados, 274 matérias sobre o tema foram publicadas.

1. *http://www.fea.usp.br/noticias.php?i=688*
2. *http://www.aberje.com.br/pesquisa/Pesquisa.pdf*

CRISTIANO DE JESUS É BACHAREL EM FILOSOFIA E ANÁLISE DE SISTEMAS, MESTRE E DOUTOR EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO. É PROFESSOR UNIVERSITÁRIO DE FILOSOFIA, ÉTICA ENTRE OUTROS. PESQUISA SOBRE A DIMENSÃO FILOSÓFICA DA TECNOLOGIA E OS IMPACTOS DA TECNOLOGIA NA SOCIEDADE

Se existe praticamente um consenso sobre a relação entre a humanidade e o planeta, por que as mudanças são tão difíceis?

Isso leva a uma pergunta: se existe praticamente um consenso sobre a relação entre a humanidade e o planeta, por que as mudanças são tão difíceis? Por que as pessoas não alteram o seu modo de vida e agem tal como pensam?

O mesmo acontece com outros temas difíceis, como discriminação, diferenças de gêneros, intolerância religiosa, trabalho escravo e vários outros. Se quase ninguém concorda com essas práticas, por que elas ainda existem?

Não é possível apresentar uma solução encerrada em si mesma sobre isso, mas é possível avançar nessa discussão pensando como a Filosofia pode compor uma proposta de ética ambiental que se relacione com a perspectiva sustentável. Há sinais muito evidentes que demonstram a intervenção da tecnologia na natureza. Entretanto, como conciliar a responsabilidade ambiental com o desenvolvimento tecnológico da humanidade? Mesmo que cheguemos a um acordo sobre isso, o problema não termina aí, pois outra questão vem à tona: seria possível uma ética ambiental capaz de criar outra noção de desenvolvimento humano que não o tecnológico?

O ponto de partida que proponho para pensar isso é a associação da vida ética ao sistema social de uma época. Haveria alguma relação entre as organizações econômica, política e social e a ética predominante de um tempo?

A ética eudemonológica, isto é, aquela baseada em virtudes capazes de conduzir todos a uma felicidade natural, é possível como ética totalizadora, isto é, que está onipresente na mente das pessoas, conduzindo seus comportamentos, apenas em sociedades mais simples cuja hierarquia é muito bem definida e a condição social é praticamente hereditária, de modo que o trânsito entre os níveis sociais seja quase inexistente.

Na ética eudemonológica, a obediência aos princípios é o que torna o homem virtuoso e, portanto, eles possuem valor absoluto. Foi isso o que levou Sócrates a preferir cicuta a desrespeitar seus preceitos sobre o comportamento.

Nos dias atuais, a não ser em sentido restrito, em círculos muito particulares, a ética eudemonológica não é possível como código de conduta universal. Quando a Revolução Francesa alijou o absolutismo e tornou possível que cidadãos livres pudessem mudar sua condição social, ela criou também a necessidade de uma nova ordem ética.

Em um mundo onde a economia debruça sua mão pesada, prevalece a ética axiológica em que o comportamento é conduzido por algo como um *ranking* de valores. A mentira, por exemplo, que é inadmissível na ética eudemonológica, torna-se aceitável se for por uma causa maior. O desrespeito ao meio ambiente que outrora poderia ser inaceitável, hoje é tolerável por estar numa lista de prioridades.

mento a tese de que "não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência", isto é, que não importa o que as pessoas pensem ou as vontades que tenham, a realidade se faz a partir de bases materiais ou dos meios de produção, o que torna a solução possível apenas por meio de uma revolução que levaria como consequência o surgimento de uma nova organização econômica que incorporaria as questões ambientais.

Um filósofo que dialogou com Hegel e Marx para pensar sobre o mundo industrial e tecnológico, bem como sobre suas mazelas, foi Herbert Marcuse (1898-1979). Esse autor considera que o materialismo histórico de Marx não é uma teoria científica ou um sistema de verdades, pois falha em sua validade atemporal. Pode ser uma Ciência, se visto sob a perspectiva de se tratar de atividade revolucionária, ocorrida a partir de uma realidade insuportável, isto é, quando eclode a partir de sua própria necessidade histórica. De outra forma, nesse ponto de vista, é uma teoria social e do fato histórico[3].

Em outras palavras, se o objetivo é resolver os problemas ambientais da contemporaneidade por meio de uma revolução, então talvez o materialismo histórico venha a ser útil, caso contrário, podemos descartá-lo.

Por isso, Marcuse defende que no período correspondente ao capitalismo maduro se faz necessária uma retomada à dialética da negatividade de Hegel com o fim de uma melhor adaptação às novas formas que tomaram corpo. No seu ponto de vista, as forças negativas, ou seja, as forças capazes de efetuar transformações na realidade social, se desenvolvem no sistema existente, embora isso seja dificilmente demonstrável[4].

O desafio da humanidade, portanto, é fazer ascender a sustentabilidade como um valor que, além de não poder ser preterido, deve ainda conduzir o desenvolvimento científico e tecnológico impondo certos limites.

A grande discussão é sobre como fazer isso. A direção que eu proponho é o reconhecimento do problema ambiental como um fenômeno histórico e, portanto, que deve ser solucionado historicamente.

Hegel (1770-1831) é um filósofo a quem podemos recorrer para lançar luz a essa questão. A filosofia hegeliana possui como essência a perspectiva de que a realidade deve ser racional, isto é, que a organização da vida individual e em sociedade deve partir de uma ideia construída racionalmente sobre o que a humanidade quer para si mesma. Algo como a realização de um projeto que, embora abstrato, tenha raízes materiais, que seja, portanto, factível, isto é, que faça parte de um processo histórico que por meio de sucessivas correções, a partir do progresso do conhecimento, alcança seu estado ideal.

É quase impossível não se lembrar de Marx (1818-1883) e seu materialismo histórico que possui como funda-

IMAGEM: SHUTTERSTOCK

3. MARCUSE, Herbert. *Contribuição para a compreensão de uma Fenomenologia do materialismo histórico*. In: MARCUSE, Herbert. *Materialismo histórico e existência*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968, p. 57,62.
4. MARCUSE, Herbert. *Sobre o conceito de negação na dialética*. In: MARCUSE, Herbert. *Ideias sobre uma teoria crítica da sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981, p. 160.

Ele questiona se, realmente, as forças negadoras existentes em um sistema, tal como é postulado pelo materialismo dialético, precisam necessariamente se manifestar de "forma progressiva e libertadora de desdobramento" por meio da luta de classes[5]. Para conferir maior embasamento a isso, vale mencionar a "dialética da libertação", segundo a qual, afirma Marcuse[6], "não pode haver qualquer tradução imediata da teoria em prática, também não pode haver qualquer tradução imediata das necessidades e desejos individuais em ações e metas políticas".

Em seu ponto de vista, essa perspectiva subestima o papel das forças de integração e coesão que atuam na fase madura do capitalismo, forças essas que são espirituais, ideológicas, sociais e "suficientemente poderosas e materiais para neutralizar as contradições durante todo um período" de modo a "suspender as forças negativas ou mesmo transformá-las em forças positivas, que reproduzem o existente em vez de destruí-lo"[7].

Porém, um aspecto do marxismo que Marcuse não descarta é a discussão sobre a desumanização do homem, sobre sua coisificação. Em Marx, esclarece Marcuse[8], a Economia Política é a justificação ou o ocultamento da alienação e desvalorização da realidade humana. O homem é tomado como objeto, como "não ser", cuja existência é determinada pela separação entre capital e trabalho, pela divisão do trabalho, concorrência e propriedade privada. Ele é arrancado do seu universo histórico-social para ser inserido no mundo do dinheiro e da mercadoria, em um mundo em que ele não passa de trabalhador "abstrato".

5. Ibid., p. 162.
6. MARCUSE, Herbert. *Contra Revolução e revolta*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973, p. 54.
7. Id., 1981, p. 163.
8. MARCUSE, Herbet. *Novas fontes para a fundamentação do materialismo histórico*. In: MARCUSE, Herbert. *Ideias sobre uma teoria crítica da sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981a, p. 12.

O HOMEM É UM ANIMAL IRRACIONAL

"O homem é um animal irracional, exatamente como os outros. A única diferença é que os outros são animais irracionais simples, o homem é um animal irracional complexo. É esta a conclusão a que nos leva a Psicologia Científica, no seu estado atual de desenvolvimento. O subconsciente, inconsciente, é que dirige e impera, no homem e no animal. A consciência, a razão, o raciocínio são meros espelhos. O homem tem apenas um espelho mais polido que os animais que lhe são inferiores.

Sendo assim, toda a vida social procede de irracionalismos vários, sendo absolutamente impossível (exceto no cérebro dos loucos e dos idiotas) a ideia de uma sociedade racionalmente organizada, ou "justiceiramente" organizada, ou, até, bem organizada.

A única coisa superior que o homem pode conseguir é um disfarce do instinto, ou seja, o domínio do instinto por meio de instinto reputado superior. Esse instinto é o instinto estético. Toda a verdadeira política e toda a verdadeira vida social superior é uma simples questão de senso estético ou de bom gosto.

A humanidade, ou qualquer nação, divide-se em três classes sociais verdadeiras: os criadores de Arte; os apreciadores de Arte; e a plebe. As épocas maiores da humanidade são aquelas em que sobressaem os criadores de Arte, mas não se sabe como se realizam essas épocas, porque ninguém sabe como se produzem homens de gênio.

Toda a vida e história da humanidade é uma coisa, no fundo, inteiramente fútil, não se percebe para que há, e só se percebe que tem que haver. A plebe só pode compreender a civilização material. Julgar que ter automóvel é ser feliz é o sinal distintivo do plebeu. O homem não sabe mais que os outros animais; sabe menos. Eles sabem o que precisam saber. Nós não." (Fernando Pessoa, in *Reflexões sobre o homem* – Textos de 1926-1928)

"[...] o homem renuncia à sua liberdade sob os ditames da própria razão. [...] O aparato ao qual o indivíduo deve ajustar-se e adaptar-se é tão racional que o protesto e a libertação individual parecem, além de inúteis, absolutamente irracionais. O sistema de vida criado pela indústria moderna é da mais alta eficácia, conveniência e eficiência. A razão, uma vez definida nestes termos, torna-se equivalente a uma atividade que perpetua este mundo. O comportamento racional se torna idêntico à factualidade que prega uma submissão razoável e assim garante um convívio pacífico com a ordem dominante". (MARCUSE, Herbert. *Algumas implicações sociais da tecnologia*. In: MARCUSE, Herbert. *Tecnologia, guerra e fascismo*. São Paulo: Unesp, 1999a, p. 84.

IMAGEM: SHUTTERSTOCK

O SUJEITO A-HISTÓRICO É INCAPAZ DE CONDUZIR TRANSFORMAÇÕES, QUE SOMENTE PODEM OCORRER QUANDO SÃO DADAS PELA HISTÓRIA

Assim sendo, um indivíduo isolado, ou mesmo a massa inconsciente, é sujeito a-histórico, pois ignora sua situação histórica e, por conseguinte, falta necessidade à sua existência, necessidade esta que desencadeia o "ato radical". Em outras palavras, o sujeito a-histórico é incapaz de conduzir transformações ao seu modo de vida, visto que elas somente podem ocorrer quando são dadas pela história e quando há direção e meta[9].

Marcuse recorre a Heidegger (1889-1976) para aprofundar essa discussão, investigando primeiramente o conceito de existência humana para, a partir disso, propor uma perspectiva de dialética que vai além do determinismo materialista e histórico. Ele afirma que, em seu estudo sobre o sentido do ser, Heidegger interpreta a existência humana. Marcuse afirma que para esse filósofo, "a demonstração do modo de ser da existência desenrola-se em muitas etapas, [...] por meio do curso fenomenológico da indagação". A existência tem como constituição essencial o "ser no mundo". Problemas como transcendência e realidade são apenas aparentes, porque a existência somente faz sentido como "ser no mundo". Isso significa que o mundo já é dado com sua existência e com certa perceptibilidade, o que implica que o conhecimento não se dá por meio do *cogito*, mas sim por meio de "ser no mundo" e conhecer se torna o próprio comportamento essencial da existência mundana[10].

Com isso, o mundo em curso com sua existência possui como constituição elementar o "significado". A existência, então, é um mundo de significações dadas pelo mundo necessitante com o qual se relaciona. Ele lhe dá sentido, tempo e lugar. Desse modo, "o tratamento do mundo com preocupação prática-necessitante" é a primeira etapa da existência, e o conhecimento que resulta da apreensão teórica desse contato não é senão um conjunto de significados derivados do modo de perceber a condição originária dos objetos[11].

Além de "ser no mundo", a existência também é interpretada por Heidegger como "ser com no mundo", isto é, o mundo é aquele que se compartilha com outros e, destes outros, recebe-se a existência cotidiana como determinação[12].

À existência humana compete a busca de seu próprio ser. Para tanto, é preciso reconhecer que o esclarecimento sobre a temporalidade é a condição básica da existência humana: "passado, presente e futuro são modos de ser da existência humana, somente eles possibilitam fenômenos básicos como a compreensão, a preocupação e a decisão". Para Marcuse, este é um elemento fundamental para a demonstração da historicidade como determinação da existência. Ele defende que este é o ponto decisivo na fenomenologia de Heidegger[13].

Marcuse[14] realiza, então, a aproximação entre Heidegger, Marx e Engels citando que, para estes últimos, a dialética

IMAGEM: SHUTTERSTOCK

9. Id., 1968, p. 62-63.
10. Ibid., p. 69.
11. Ibid., p. 69-70.
12. Ibid., p. 70-71.
13. Ibid., p. 71.
14. Ibid., p. 77-78.

é o próprio movimento histórico, o que implica que seu objeto é tomado como algo "tornado" ao mesmo passo que "adiantando-se". É no ambiente histórico que é locado o objeto e é somente nesse ambiente que o objeto é perceptível. Na dialética marxista, as categorias históricas abstratas se transformam em "formas de existência" e "determinações de existência" e a forma de tese, antítese e síntese tem o sentido de cumprir a necessidade do movimento histórico. Portanto, Marcuse interpreta o mundo fenomenológico heideggeriano como o mundo histórico marxista que serve aos objetos como formas de existência. Outra forma de interpretar esses objetos não poderia ser senão como objetos desse mundo histórico, isto é, como "ser no mundo".

De acordo com Marcuse[15], Fenomenologia significa "indagação e acesso que se deixam deduzir dos próprios objetos, quer dizer: trazer os objetos plenamente à vista". Ele afirma que, para tanto, os objetos devem estar à disposição na historicidade, pois do ambiente histórico depende a forma como a pergunta em busca do objeto será realizada: "abrange a peculiar pessoa do interrogante, a direção da sua pergunta e o modo do primeiro aparecer do objeto". No entanto, o autor alerta que não é papel da Fenomenologia a demonstração da historicidade do seu objeto. Este deve estar na sua mais extrema concreção, porém, é na análise fenomenológica que deve ser inserida a situação histórica concreta de tal objeto histórico como indagação da sua historicidade.

Marcuse[16] considera que esta última concreção representa a realização do método dialético, visto que ela trata da adequação da situação concreta histórica do objeto. Desse modo, as abstrações se tornam concretas quando vistas em conjunto com a existência humana. A autêntica dialética, portanto, é aquela que atinge a consequência prática da existência humana a partir do conhecimento da situação histórica.

Ele reivindica, assim, que a fenomenologia de Heidegger, em torno da existência humana, seja direcionada para a concreção dialética e realizada no ato concreto de acordo com a necessidade histórica. Portanto, o método dialético do conhecimento precisa se tornar fenomenológico para que não apenas seja considerada a situação histórica da faticidade, mas também a verificação se ela se esgota em um significado temporal ou se possui algum sentido a-histórico[17].

As coisas aparecem sempre como significabilidades em total conexão com seu processo histórico. Este mundo de significados pode ser rompido pelo comportamento, porém, o que sempre aparece são estruturas abstratas e formas, exatamente o que não está de fato nas coisas[18].

Existência é existência concreta numa determinada situação histórica. Portanto, é determinada pelo seu ser, por dados materiais, concretos e demonstráveis[19].

IMAGEM: SHUTTERSTOCK

15. Ibid., p. 80.
16. Ibid., loc. cit.
17. Ibid., loc. cit.
18. Ibid., p. 84.
19. Ibid., p. 85.

A análise fenomenológica, portanto, não deve se deter na existência com base na sua primeira exibição, pois o mundo de significação não é unitário e tampouco de abstrações flutuantes. Ele é constituído em processos históricos concretos. A existência lançada como "ser no mundo" é determinada pelo mundo visto que se encontra na circunstância "com o mundo" e "em torno do mundo": "esta é a base material da historicidade; ela não é apenas a determinação fática, e sim, também, a última determinação estrutural da existência"[20].

Isso implica que na existência "concreta-histórica", assim como também afirma Marx, inicialmente são criadas as possibilidades da sua própria existência por meio da produção e reprodução. Marcuse[21] chama de "espaço vital" o ambiente no qual a existência se realiza, e ele alerta que não é determinadamente fechado em si mesmo, estando sujeito, assim, às modificações. Entretanto, são modificações que são determinadas pelo próprio "espaço vital", visto que é inseparável da sua herança histórica.

20. Ibid., loc. cit.
21. Ibid., p. 88.
22. MARCUSE, Herbert. *Razão e revolução: Hegel e o advento da teoria social*. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 15.
23. Ibid., p. 15-16.

A AÇÃO DO HOMEM CONTRA A NATUREZA E A ORGANIZAÇÃO SOCIAL SERIA ORIENTADA DE ACORDO COM O SEU PRÓPRIO PROGRESSO NO CONHECIMENTO

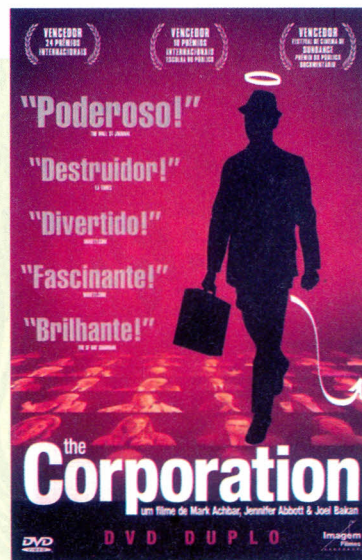
Com isso, agora resta entender o ponto de vista de Marcuse no que diz respeito à dinâmica das transformações sociais e históricas, visto que ele abandona a perspectiva revolucionária marxista. É justamente nesse ponto que ele busca em Hegel a base para construir suas respostas. Para melhor compreensão sobre como isso se dá, é importante conhecer o contexto da filosofia hegeliana e quais são os aspectos absorvidos por Marcuse.

Marcuse[22] afirma que os filósofos responsáveis por aquilo que é chamado de "Idealismo Alemão", isto é, Kant, Fichte, Schelling e Hegel, escreveram suas filosofias em resposta ao sucedido após a Revolução Francesa: "a reorganização do Estado e da sociedade em bases racionais, de modo que as instituições sociais e políticas se ajustassem à liberdade e aos interesses do indivíduo".

Os idealistas alemães consideravam que a Revolução Francesa não apenas liquidara o absolutismo feudal, mas que também emancipara o indivíduo como o "senhor autoconfiante de sua vida", o que significa que, nessa perspectiva, dimensões da vida humana, como trabalho e lazer, deveriam, doravante, depender da "atividade racional livre" de cada pessoa. Assim sendo, sua ação contra a natureza e a organização social seria orientada de acordo com o seu próprio progresso no conhecimento[23].

A liberdade é um conceito central no que diz respeito à discussão sobre a Revolução Francesa, e o objetivo de Hegel, especificamente no que se refere à filosofia marcuseana, foi justamente, no plano filosófico, ocupar-se com a ideia de liberdade, no entanto, por meio da elaboração do conceito de razão, ou seja, a liberdade em Hegel, embora tenha

SUGESTÃO DE FILME

Há 150 anos, as corporações eram apenas instituições de pouco valor. Hoje, elas exercem uma forte influência no dia a dia de nossas vidas. Assim como o Comunismo, a Igreja e a Monarquia em outras épocas, a Corporação tornou-se uma instituição poderosa e capaz de influenciar a história através dos tempos. Neste complexo e divertido documentário, o diretor Mark Achbar e o escritor e roteirista Joel Bakan mostram as repercussões da hegemonia das corporações na sociedade e na vida das pessoas. Documentário inspirado no *best seller* de Joel Bakan (*The corporation: The pathological pursuit of profit and power*) sobre os poderes das grandes corporações no mundo contemporâneo, como Nike, Shell e IBM, além de Noam Chomsky, Milton Friedman e Michael Moore. Prêmio do público no *Sundance Film Festival* de 2004.

A EMANCIPAÇÃO É O MODO DO INDIVÍDUO SUPERAR AS ARMADILHAS DA ALIENAÇÃO E ASSUMIR SUA CONDIÇÃO DE SUJEITO HISTÓRICO

forma essencialmente idealista, somente é possível a partir de esforços materiais para a construção racional da vida[24].

Isso pode ser mais bem compreendido quando Marcuse[25] afirma que Hegel sustenta que "o pensamento filosófico nada pressupõe além da razão, que a história trata da razão, e somente da razão, e que o Estado é a realização da razão". É possível observar, com a ajuda de Marcuse, contudo, que Hegel não trata a razão como um conceito puramente metafísico. Quando ele declara, como realmente o fez, que a Revolução Francesa "proclamou o poder definitivo da razão sobre a realidade", ele defende que tudo aquilo que a humanidade pensa "ser verdadeiro, certo e bom, deve realizar-se na organização real da sua vida social e individual"[26]. Isso significa que, para Hegel, a humanidade é responsável pela melhor organização da vida que a razão seja capaz de construir.

Entretanto, há ainda um último aspecto da filosofia hegeliana que é explorado por Marcuse. Ele afirma que em Hegel, jamais ocorre, de forma imediata, uma total identificação entre uma realidade construída pela razão e uma realidade concreta que seja correspondente. Essa unidade somente deve aparecer depois de um longo caminho entre a natureza em seu mais baixo nível até a sua existência racional: "na medida em que haja qualquer hiato entre o real e o potencial, o primeiro deve ser trabalhado e modificado até se ajustar à razão". Portanto, o que Hegel chama de "Real" não é tudo aquilo que existe de concreto, mas sim o que existe de modo condizente com os padrões da razão, aquilo que é "racionalizável". Marcuse[27], então, identifica e assimila o caráter crítico e polêmico da filosofia hegeliana à oposição a toda aceitação imediata de uma forma dada.

Contudo, pode-se afirmar que os problemas ambientais poderão ser superados quando os efeitos oriundos da intervenção da tecnologia na natureza deixem de ser recebidos como determinados da existência, de modo que sejam trazidos à vista como objetos históricos.

Mas isso não é suficiente se o indivíduo observador não perceber-se como "ser no mundo" e não perceber as armadilhas que está sujeito por causa dessa condição.

É nesse sentido que é possível reconhecer a emancipação como o modo do indivíduo superar as armadilhas da alienação e coisificação e assumir sua condição de sujeito histórico.

A humanidade conseguirá conciliar a responsabilidade ambiental com o desenvolvimento tecnológico e criar uma noção de desenvolvimento humano superior a partir de um novo plano civilizatório que se torne perene em todas as dimensões da vida individual e coletiva a partir da Educação, do poder público, do direito internacional, de uma economia regulada seja pelo Estado ou pelo o que chamou Marcuse de "A Grande Recusa", ou seja, pelo comportamento de cada indivíduo de recusar-se a participar de um modo de vida do qual reprova. Ifilo

24. Ibid., p. 16.
25. Ibid., loc. cit.
26. Ibid., p. 18.
27. Ibid., p. 21.

nam por levá-la à morte. O fracasso mais completo é, justamente, o resultado da ação racional com vistas a resultados. Essa ação está, portanto, viciada no seu próprio eixo. Produz exatamente o contrário do que é desejado. Seu desenho mais imediato e superficial é o contrário preciso do que ela é, em seu fundo. Inevitável, aqui, pensar em Hobbes, para quem a ação praticada no estado de natureza, ou com base no direito de natureza, produz precisamente o contrário do que ela pretende. É uma ação pela qual posso fazer o que eu quiser, para preservar a minha vida; ora, é justamente o meio (fazer o que meu juízo e razão privados decidam) que destrói o fim (a autoconservação). Aqui, isso se mostra a ela pelo afogamento que se revela ter sido um sonho. É a constituição de todo o passado – de um passado lógico, racional, fruto de decisões lógicas e passadas – como sonho, e, melhor dizendo, como pesadelo, que lhe permite agir, agora, de outro modo. Essa nova ação, depurada do terror e da violência, nascida das águas, como Vênus, igualmente

IMAGENS: DIVULGAÇÃO

O filme alemão Corra Lola, Corra conta a mesma história com três possibilidades de finais, pois Lola, quando tem de recomeçar sua corrida, aprende e age diferente e pequenos incidentes mudam o curso da história

nascida das águas, que são o mundo da emoção, esquecida do fogo impetuoso e do ar racional, permitirá a salvação dela na medida mesma em que salva outra mulher. Criar um vínculo com o outro, dar mostra de compaixão, torna-se assim mais eficiente para salvar a si próprio do que a guerra de todos contra todos. E é assim, onirizando o passado, convertendo-o num mau sonho, num sonho de maldade e ganância do qual ela se emancipa, que a ação dela se tornará bem-sucedida. Poderá salvar-se, porque teve a rara chance de ver onde iriam dar suas ações.

Esses dois filmes colocam assim, literalmente em cena, uma questão que às vezes, em conversas ou em solilóquios, cada um de nós se formula: como eu faria, se me fosse dado reviver uma situação na qual (sinto) errei? O significado desse "errei" pode ser ambíguo. Pode significar um erro moral ou um erro de apreciação. É mais comum que pensemos no segundo caso – que hoje, com maiores informações, eu me sinta mais *prudente* em relação ao que antes ataquei sem deter os dados que hoje tenho. Esses dados, por sua vez, podem ser de distintas ordens. Podem ser puramente fortuitos – a velha que está no meio do caminho, o vidro em que Lola esbarra; mas podem ser também a decorrência lógica de uma trajetória implacável, que é a de *Femme fatale*. Embora neste segundo filme vários acontecimentos pareçam remeter ao circunstancial – uma mulher se suicidar, cuja identidade ela assim pode assumir, e ela encontrar no avião um homem rico e poderoso, que lhe confere um novo papel social – o interessante é que a moral final dele, a conclusão que modifica